



# **“Do inferno ao céu”: o papel do design colaborativo no planejamento urbano periférico - o caso Beco Céu**

## **"From Hell to Heaven": The Role of Collaborative Design in Peripheral Urban Planning - The Case of Beco Céu**

Delana Estevão Lima<sup>1</sup>, Rochelle Silveira Lima<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Centro Universitário Católica de Quixadá - Unicatólica, Graduada, [delanaestevao@gmail.com](mailto:delanaestevao@gmail.com)

<sup>2</sup>Centro Universitário Católica de Quixadá- Unicatólica, Mestre, [rochellesilveira@unicatolicaquixada.edu.br](mailto:rochellesilveira@unicatolicaquixada.edu.br)

**Resumo.** *Este artigo versa acerca do planejamento urbano como uma ferramenta de transformação do espaço, destacando o papel do design participativo e colaborativo na construção de cidades mais inclusivas, criativas e sustentáveis. Diante da realidade de áreas marcadas pela pobreza e exclusão social, consequência de um modelo urbano voltado aos interesses capitalistas, torna-se essencial democratizar e incluir a população na tomada de decisões sobre o planejamento do espaço. Para ilustrar essa abordagem, analisa-se a intervenção Beco Céu, um laboratório urbano periférico situado na Favela do Inferninho, em Fortaleza (CE). O projeto foi concebido e planejado de forma colaborativa com a comunidade, representando uma aplicação prática da participação popular como coautora do espaço urbano.*

**Palavras-chave.** *Planejamento urbano; design colaborativo; urbanismo tático; cidades sustentáveis.*

**Abstract.** *This article discusses urban planning as a tool for transforming space, highlighting the role of participatory and collaborative design in the construction of more inclusive, creative, and sustainable cities. Considering the reality of areas marked by poverty and social exclusion, as a consequence of an urban model focused on capitalist interests, it becomes essential to democratize and involve the population in decision-making processes related to spatial planning. To illustrate this approach, the intervention of Beco Céu, an urban laboratory located in the Favela do Inferninho, in Fortaleza (CE), is analyzed. The project was conceived and planned collaboratively with the community, representing a practical application of popular participation as a co-author of urban space.*

**Keywords:** *Urban planning; collaborative design; tactical urbanism; sustainable cities.*



## 1 Introdução

As cidades são o palco para as vivências e encontros diários entre seus habitantes. Nesse cenário, nota-se o papel da dimensão humana como o pilar principal que compõe e transforma os espaços públicos (Macêdo; Almeida, 2018). No entanto, ao observar o processo de planejamento do espaço urbano atual, pode-se perceber que os responsáveis pelo planejamento urbano parecem não levar a dimensão humana em consideração, segundo Gehl (2013). Diante de uma visão de mundo capitalista, o planejamento do espaço recai em um modelo de larga escala de produção da cidade, por muitas vezes sem considerar seus usuários.

De acordo com Montuori, Santos e Viana (2019), a era atual constitui uma crise urbana, pautada em elementos como a gentrificação e a especulação imobiliária, que corroboram na segregação e no apagamento de culturas e identidades locais. Dessa forma, Szaniecki e Costard (2019) elencam que tais práticas limitam o exercício da cidadania e o uso do espaço político, acarretando em um processo de despolitização planejada do espaço urbano. É perceptível que planejamento urbano tradicional ainda apresenta dificuldades em “acompanhar o dinamismo e as transformações urbanas provocadas pelo neoliberalismo e os anseios populares, que têm suscitado o urgente repensar do planejamento, que passa por um momento de crise” (MORAIS, 2023, p.13)

Práticas urbanas insurgentes, como o urbanismo tático, nascem nesse viés de espontaneidade, buscando fomentar a conexão entre as pessoas, alinhando-se a princípios de transparência e colaboração, redefinindo, assim, a forma de projetar, construir e vivenciar a cidade (MACÊDO; ALMEIDA, 2018). Segundo Lydon e Garcia (2015), o urbanismo tático é considerado uma abordagem voluntária e participativa de construção da cidade, voltado para um planejamento de escala local a curto prazo e realista. O urbanismo tático, entre outras ferramentas, surge de uma necessidade de um ambiente urbano diverso e democrático, com a presença de espaços públicos que promovam sua apropriação.

Nessa perspectiva, o campo do design, da arquitetura e do urbanismo buscam contribuir com esses debates, a partir de uma perspectiva colaborativa, multidisciplinar e sustentável. Segundo Szaniecki e Costard (2019), ao envolver o designer na pesquisa e cocriação de projetos comunitários, gera-se um incentivo à diversidade, ao debate e à participação democrática, através de ferramentas como o diálogo, a escuta ativa e recursos visuais interativos. A colaboração torna-se essencial nesse processo, uma vez que podemos compreender “a ação coletiva cidadã nos usos e na transformação dos espaços públicos como aspecto fundamental para revisarmos o lugar de fala do design e seu papel nas cidades” (MONTUORI; SANTOS; VIANA, 2019, p. 68).

Diante deste contexto, visando trazer as reflexões teóricas e práticas do design na cidade, tece-se uma análise e estudo de caso acerca da intervenção urbana denominada Beco Céu, localizada na Favela do Inferninho, em Fortaleza - Ceará. Ao se debruçar sobre áreas periféricas, Alves e Bueno (2022) apontam a existência de vazios urbanos que, apesar de abandonados ou subutilizados, são apropriados pela comunidade de maneira



espontânea através de práticas sociais. Essa ação, que pode contar com o apoio de diversos agentes, transforma os espaços urbanos e buscam suprir uma carência de locais públicos. Assim, ao analisar e tecer um estudo de caso sobre o Beco Céu, que contou com a participação da comunidade e o apoio de agentes diversos, busca-se contribuir para as discussões acerca da função do planejamento urbano enquanto ferramenta de transformação do espaço, destacando o papel do design participativo e colaborativo.

## **2 Fundamentação Teórica**

### **2.1 O planejamento urbano no desenvolvimento da cidade**

Para Jacobs (2000, p.5), as cidades são consideradas um “imenso laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano”. Nesse sentido, Monteiro (2019) aponta que ler a cidade como um laboratório é cada vez mais importante para o fomento de mudanças no espaço urbano, através das intervenções de “tentativa e erro”, que são idealizadas e aplicadas em locais específicos. O entendimento do espaço urbano enquanto laboratório de experimentação permite o reconhecimento da cidade enquanto espaço em contínua formação e transformação, influenciado pelas vivências daqueles que o habitam, o que corrobora com o processo de planejamento do espaço.

Contudo, o que se observa atualmente é uma corrente de planejamento urbano voltada em projetar intervenções em larga escala, onde o processo de tomada de decisões ocorre com um núcleo seletivo de agentes. Muitas vezes esse processo acontece sem considerar as necessidades dos usuários e sua relação com os lugares (MACÊDO; ALMEIDA, 2018). É notório que esse modelo de planejamento urbano, focado essencialmente na função e em atender os modelos capitalistas, tende principalmente a “homogeneizar as práticas sociais e apresenta dificuldade em apreender “a urbanidade”, ou seja, a vida urbana em sua complexidade” (SZANIECKI; COSTARD, 2019).

Nesse sentido, podem surgir alternativas que representam uma resposta prática aos impasses do Capitaloceno, conceito que, segundo Moore (2011), evidencia a crise ambiental e urbana produzida pelo próprio sistema capitalista. Diante desse cenário, é necessária a reflexão acerca dos moldes atuais de planejamento das cidades, sobretudo das áreas marginalizadas. Alves e Bueno (2022) mostram que, em contextos de apropriação informal nas periferias urbanas, o acesso a infraestruturas e equipamentos públicos é frequentemente desigual, e o direito à cidade permanece como uma promessa não concretizada. Embora ações participativas e de pequena escala revelem o potencial de transformação do espaço urbano, sua efetividade esbarra na ausência de políticas públicas estruturantes, capazes de garantir continuidade e articulação com as demandas reais dos moradores.

Esse processo de planejamento urbano também não se encaixa nos ideais defendidos por Jacobs (2000), a qual recomenda que os especialistas em planejamento urbano observem as formas como os cidadãos utilizam os espaços urbanos no cotidiano.



Com isso, é inegável a necessidade de se repensar as formas de planejamento das cidades, visando uma abordagem democrática e participativa.

O desafio de construir uma lógica menos restritiva e centralizadora e propícia à pluralidade, implica ter em conta não somente os objetivos e valores que o planejamento incorpora e as metodologias que melhor traduzam o interesse público, mas também as viabilidades de acesso aos processos e as novas formas de participação e democratização urbana. (MORAIS, 2023, p. 15).

Nessa perspectiva, Szaniecki e Costard (2019) apontam que o meio urbano, enquanto produto da sociedade, passa por transformações contínuas e mudanças tal qual a população que o compõe, acompanhando as nuances de cada época. Com a compreensão da cidade enquanto esse organismo dinâmico, Macêdo e Almeida (2018, p.4) destacam que “esse organismo vivo tem atraído cada vez mais adeptos para sua construção de forma mais ativa”. Ou seja, a produção do espaço urbano de forma colaborativa está cada vez mais em evidência, o que corrobora para o surgimento de um urbanismo baseado em formas de planejamento espontâneas e colaborativas.

De acordo com Lydon e Garcia (2015), uma vez que o público é inserido no processo de planejamento das cidades, há uma maior possibilidade de apoio e aceitação para as intervenções realizadas, bem como permite gerar uma visão única sobre as expectativas futuras da cidade. Com isso, é notório que formas de pensar e planejar o espaço urbano de forma colaborativa com os habitantes daquele território é uma das ferramentas para atingir resultados mais satisfatórios e democráticos, voltados para as necessidades e particularidades de cada lugar.

## **2.2 Urbanismo tático e a intervenção urbana coletiva**

Nesse cenário de demanda por um projeto urbano democrático e colaborativo, pensando com e para os usuários, surgem outras ações voltadas para o planejamento urbano. Segundo Monteiro (2019, p. 14), “a criação de espaços públicos informais sugere um modo de fazer a cidade que é diferente da noção institucionalizada do urbanismo e da prática convencional do planejamento urbano e da formulação de políticas”.

Ao valorizar o protagonismo local e a construção coletiva de soluções, essas iniciativas exemplificam o que Escobar (2018, p. 17) denomina design ontológico, isto é, práticas que “não apenas constroem objetos, mas também mundos”, oferecendo alternativas às formas hegemônicas de produção do espaço. Nessa conjuntura, ações como o urbanismo tático despontam como uma dessas estratégias de intervenção no ambiente urbano.

O urbanismo tático, nesse sentido, surge como uma estratégia para a construção e impulso de comunidades, utilizando-se de intervenções de curto prazo e possibilitando o redesenho do espaço público, visando futuras transformações (LYDON; GARCIA, 2015). Essa apropriação emergente e informal resulta em uma forma de urbanismo que busca promover uma “reestruturação urbana através da visão de base, prática e participativa, onde aqueles que são diretamente afetados por uma questão mobilizam-se de forma ativa



para enfrentá-la” (MONTEIRO, 2019, p. 16). Desse modo, o urbanismo tático torna-se um processo de intervenção com capacidade de abranger a participação da sociedade em diversos níveis.

De acordo com Macêdo e Almeida (2018), o urbanismo tático é pautado no argumento que a cidade deve ser pensada e concebida de forma participativa, ideal este que é corroborado por Jacobs (2000), ao afirmar que as cidades só podem atender a todos de forma igualitária somente quando criadas por todos. Assim, a ascensão do papel da comunidade nos processos de planejamento da cidade torna-se um importante passo na elaboração de centros urbanos igualitários e democráticos.

Nessa visão, é notório que, para muitos autores, o entendimento do urbanismo tático enquanto ação política, visto que “ele é uma manifestação em que a sociedade civil se emancipa das tutelas do Estado e aponta suas lacunas” (Nogueira, 2017, p.92). De acordo com Monteiro (2019), esse cunho político surge em resposta a uma crise econômica, política, governamental e social das grandes cidades, num panorama em que os Estados falham no fornecimento de bens públicos às populações, sobretudo na entrega de espaços públicos.

Ao alcançar e intervir em locais que por muitas vezes as autoridades não alcançam, as iniciativas do urbanismo tático geram oportunidades de aproveitamento e transformação de espaços. Monteiro (2019) destaca os benefícios dessas ações para o tecido urbano, uma vez que essas ações possibilitam a geração de espaços consolidados. Essas iniciativas também colaboram com a adaptação a novas necessidades, propiciando uma evolução contínua no espaço.

Desse modo, é possível destacar que:

Este emaranhado produtivo, político e afetivo cotidiano requer um olhar mais atento aos detalhes e uma atitude cautelosa com os processos. É com essa postura que o design pode atuar e assim contribuir para a construção coletiva de um espaço urbano mais democrático. (SZANIECKI; COSTARD, 2019, p. 2).

Assim, pode-se perceber a relevância que o urbanismo tático, bem como outras formas de pensar e planejar o design da cidade de forma coletiva, possuem enquanto ferramentas na promoção de espaços democráticos e adaptados para seus habitantes. Nesse processo, o design no processo de planejamento urbano colaborativo desempenha funções relevantes, suscitando discussões. Para Montuori, Santos e Viana (2019), é necessário compreender a coletividade dos habitantes tanto no uso como na transformação de espaços urbanos enquanto aspecto fundamental em discussões sobre o papel do design no âmbito das cidades.

### **2.3 O papel da colaboração em projetos de design**

Ao discorrer sobre a colaboração enquanto ferramenta, Heemann, Lima e Corrêa (2008) destacam seu papel essencial no desenvolvimento da sociedade. Quando integrada ao campo do design, a colaboração adquire papel estratégico na construção coletiva de



soluções, promovendo envolvimento ativo dos participantes e compartilhamento de saberes ao longo do processo (VENDRAMINI; HEEMANN, 2015).

Para Kleinsmann (2006 apud VENDRAMINI; HEEMANN, 2015), o sentido colaborativo é integrado ao design com a finalidade de se obter uma visão compartilhada e abrangente, fortalecendo a análise acerca dos conhecimentos, entendimentos e vivências dos envolvidos nos projetos de design, ampliando a possibilidade de sucesso no projeto. Essa articulação favorece a resolução conjunta dos problemas de projeto e amplia a apropriação dos resultados por parte dos participantes. De modo semelhante, Seravalli (2018), ao analisar processos colaborativos no contexto urbano, evidencia que as oficinas de cocriação, um exemplo de ferramenta de colaboração, não apenas mobilizam conhecimentos diversos, mas também constroem infraestruturas sociais duradouras, em que os participantes atuam como coautores nas fases de concepção, manutenção e reinvenção dos espaços.

Contudo, isso não significa que seja uma atividade fácil, uma vez que a colaboração demanda a ação, comprometimento e confiança de todos os envolvidos, tornando-a uma condição difícil de ser alcançada e de ser mantida (HEEMANN, LIMA, CORRÊA, 2008). Nesse panorama, Vendramini e Heemann (2015) apontam que, em casos de colaboração entre designers e usuários, o designer assume uma função de facilitador, adotando linguagens e representações que auxiliem a compreensão. Para os autores, em circunstâncias onde os usuários adotam linguagem gestual ou visual ao propor soluções, “não existe certo ou errado e nem decisões a serem tomadas” (VENDRAMINI; HEEMANN, 2015, p.6).

Nessa perspectiva, Montuori, Santos e Viana (2019) destacam as características e os desafios que pairam nos processos colaborativos de design, sobretudo das cidades.

No entanto, realizar ações pautadas na alteridade em processos de colaboração é ainda um desafio, especialmente porque profissionais de áreas propositivas, como designers e arquitetos, são ainda reconhecidos como especialistas, figuras centrais em processos de inovação. Em contrapartida, aqueles que conhecem e fazem parte da construção social e física dos espaços, detêm uma inteligência sobre eles que vai além do conhecimento técnico, funcional e de sua forma. Trata-se de um conhecimento empírico que carrega narrativas, memórias e relações sociais que, muitas vezes, são invisíveis aos olhos dos profissionais. Em razão disso, trabalhar com alteridade implica em promover integração não apenas com outras disciplinas, mas com saberes locais, a partir de diálogos plurais com cidadãos, permitindo que o debate e o conflito sejam democráticos (MONTUORI; SANTOS; VIANA, 2019, p. 69)

Assim, torna-se evidente que, apesar dos desafios impostos, a colaboração com os usuários no processo de design promove diálogos e trocas necessárias, que contribuem para soluções idealizadas por aqueles que melhor compreendem as problemáticas. No campo do design, Fedezzini (2014, p.37) destaca que “à medida que a colaboração acontece e as trocas são geradas (de conhecimento, de informação e usabilidade), o serviço evolui”. Isto é, ao se apropriar de abordagens colaborativas, o projeto de design tem a



capacidade de fundamentar as soluções em premissas que sejam compatíveis com os anseios da população, gerando projetos inovadores e interligados com os usuários.

Montuori, Santos e Viana (2019) elencam a importância do projeto de design levar em consideração as demandas, necessidades e particularidade das pessoas, não somente enquanto usuários, mas sim como cidadãos e habitantes do lugar, buscando valorizar a história e cultura local. Esses fatores tornam-se indispensáveis no processo de design colaborativo das cidades. Desse modo, o design pode atuar como uma ponte que articula “ações conjuntas em diferentes campos e saberes” (SZANIECKI; COSTARD, 2019, p.9).

### **3 Metodologia**

A metodologia utilizada no presente trabalho consistiu em uma pesquisa com abordagem qualitativa, onde se refere a “aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

Quanto aos objetivos, a pesquisa é classificada como uma pesquisa descritiva e exploratória. Segundo Gil (2007), a pesquisa exploratória busca constituir maior familiaridade com o problema, com o objetivo do aprimoramento de ideias e são compostas na maioria das vezes por levantamento bibliográfico, entrevistas e análises de exemplos.

Os procedimentos empregados no trabalho consistem na pesquisa bibliográfica, no tópico de fundamentação teórica, e o estudo de caso analisado no tópico resultados e discussões, onde é tecida uma análise acerca do Beco Céu. Para Marconi e Lakatos (2017, p. 53) as pesquisas bibliográficas são “um tipo específico de produção científica: é feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos”.

Já o estudo de caso é definido por Gil (2007) como o estudo aprofundado de um ou mais objetos, com a finalidade de detalhar e se aprofundar ao máximo no objeto de pesquisa. Fonseca (apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 41) enfatiza que o estudo de caso “visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico”.

Foram utilizadas também fontes documentais, como matérias jornalísticas, relatórios institucionais, sites governamentais e plataformas digitais de organizações envolvidas com o território estudado. Os critérios de seleção dessas fontes incluíram: relevância temática para o objeto de estudo, atualidade das informações, origem institucional confiável e relação direta com o objeto de estudo. Já a análise do material obtido foi realizada através da análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). O método seguiu três etapas, propostas por Bardin (2011): organização inicial e leitura do material (pré-análise), codificação e categorização dos dados (exploração do conteúdo) e, por fim, interpretação dos resultados com base nos objetivos e no referencial teórico.



## 4 Resultados e Discussões

### 4.1 Design colaborativo na periferia: o Beco Céu

O Beco Céu era um local abandonado na Favela do Inferninho, uma comunidade localizada no bairro Vila Velha, em Fortaleza, Ceará. A iniciativa de intervir no local partiu de um morador da favela, Rutênio Florêncio, que já atuava em causas sociais como gestor e fundador do Instituto Pensando Bem. Ele viu no beco abandonado um potencial de revitalização da favela, bem como incentivar a ocupação do local. No espaço hoje funciona a base do Instituto Pensando Bem, que atua promovendo atividades educacionais, artísticas, esportivas e culturais (Instituto Pensando Bem, 2024).

O projeto teve início em 2022 e contou com a colaboração de diversos agentes, sendo o principal a própria comunidade da Favela do Inferninho. Os outros agentes envolvidos foram o Instituto Pensando Bem, o Instituto de Urbanismo Ecológico (LAURB) e a Quitanda Soluções Criativas, criadora do programa LAB Cidades Criativas, um programa de design urbano que atua em ações de intervenção urbana e ocupação cultural nos estados do Ceará e do Rio de Janeiro. O projeto também contou com o apoio do Governo Estadual do Ceará, através da Secretaria Estadual de Cultura (Secult) e da empresa de distribuição de energia Enel Ceará, que atuou em atividades como a distribuição de geladeiras para os moradores. (LAB Cidades Criativas, 2022). A prefeitura municipal de Fortaleza também contribuiu com a revitalização do Beco Céu, com obras de melhoria.

O espaço, antes um simples beco abandonado e sem muita serventia, conforme pode-se observar na Figura 1, funciona atualmente como um ponto de referência e encontro para a comunidade, buscando promover as mais diversas atividades, que visam estimular a convivência e trazer o apoio necessário à população. O Beco Céu foi revitalizado com o objetivo de ressignificar o local, transformando-o em um ambiente de transformação, possibilidades, impacto social e acima de tudo, o centro de encontro e atividades da comunidade. (Instituto Pensando Bem, 2024). A ressignificação do lugar e as atividades desenvolvidas pelo Instituto contribuem para a ocupação e a apropriação do território, possibilitando e viabilizando a interação social de uma comunidade periférica, carente de espaços públicos.



Figura 1 – Beco Céu antes da revitalização



Fonte: Instituto Pensando Bem, (2024)

A LAURB (2024) apresenta o Beco Céu como um:

Protótipo de laboratório urbano periférico trabalhando na implementação de intervenções urbanas e soluções inovadoras que possam acelerar os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) com geração de dados quantitativos e qualitativos da realidade local para o desenvolvimento de políticas públicas, integração de ações e processos de upcycling. (LAURB, 2024).

Para uma melhor compreensão da realidade e das necessidades dos moradores, foi elaborado um diagnóstico técnico social, através da realização de oficinas para reunir informações estruturais e sociodemográficas. Segundo a LAURB (2024), o projeto foi realizado por etapas:

- Foram identificadas as necessidades da comunidade, com a realização de um censo que apurou mais de 50% das residências, o que garantiu dados quantitativos representativos;
- Elaboraram mais de 15 eventos participativos, incluídos na Agenda Urbana Cultural do Beco Céu, que culminou na escuta ativa e no processo de cocriação do projeto, com a incorporação de ideias da comunidade.
- Foi realizado o mapeamento de oito equipamentos comunitários, como a base educacional, biblioteca, cozinha comunitária, entre outros, para serem incorporados no espaço do beco.

Os dados qualitativos foram coletados por meio das oficinas e escuta ativa, e os quantitativos, por meio do censo e levantamentos estruturais. Durante todo o processo, foram adotados cuidados éticos rigorosos para a proteção dos dados pessoais dos residentes, respeitando a legislação vigente de proteção de dados.

Entre as diversas atividades realizadas com a população inclui-se a realização de oficinas de educação urbana e ambiental. De acordo com a Quitanda Soluções Criativas (2023), essas oficinas buscaram estimular o senso de participação dos moradores da favela do Inferninho no processo de escolha e elaboração das intervenções realizadas. Além disso, pretendiam fortalecer a sensação de pertencimento da comunidade, sobretudo das crianças, através de metodologias lúdicas. Para o gestor e fundador do Instituto Pensando Bem, a revitalização do local possui uma grande importância para a comunidade: “É um



espaço que é um exemplo de iniciativa social que transforma a realidade de uma comunidade na favela e espero que continue transformando ainda mais a vida das pessoas daqui” (QUITANDA SOLUÇÕES CRIATIVAS, 2024)

Esse processo de idealização contou ainda com um momento essencial para o processo de cocriação do projeto, o chamado Evento de Validação Festival Beco Céu, onde ocorreu uma exposição interativa para a comunidade. Nesse evento, os moradores tiveram a oportunidade de ver em detalhes o projeto, através de telas e óculos de realidade virtual, e validar todo o projeto conceitual, ilustrado na Figura 2 (LAURB, 2024).

Figura 2 – Projeto Conceitual do Beco Céu



Fonte: LAURB, (2024)

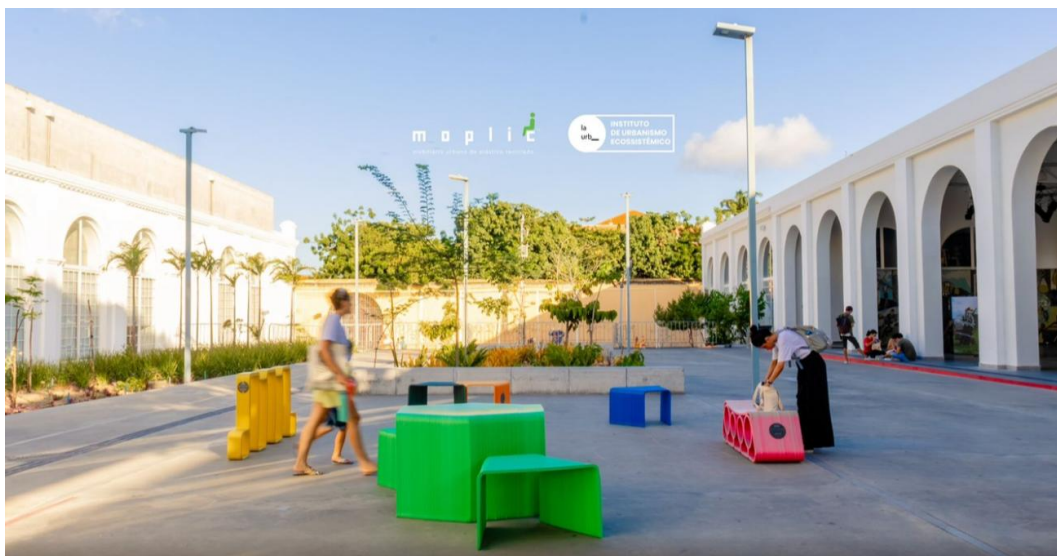
O Quitanda Soluções Criativas (2024) destaca algumas das intervenções idealizadas e realizadas no Plano de Revitalização do LAB Cidades Criativas – Beco Céu: a aquisição das casas para abrigar a Cozinha do Bem e a Casa Sustentar, o processo de Revitalização do Beco e instalação de mobiliários, a quebra do muro (onde foi conquistado o outro lado do beco) e instalação de pórticos luminosos. O plano de revitalização ainda contou com a parceria do coletivo Acidum Project, dedicado à arte urbana, e da Tintas Suvinil.

O resultado desse projeto “vai além do urbanismo tático” (LAURB, 2024). O espaço, que inicialmente contava com 300m<sup>2</sup>, foi ampliado para mais de 600m<sup>2</sup>, com a interligação do outro lado do beco. Também foi realizada uma pavimentação acessível, através das obras da Prefeitura, bem como melhorias na rede de drenagem. Já na parte da sustentabilidade, foram recicladas quase meia tonelada de plástico, material que foi transformado em diversos mobiliários urbanos, como bancos, hortas e bicicletários feitos



através da impressão em 3D, promovidos por meio de ações de conscientização ambiental. Os plásticos que originaram os mobiliários urbanos são fruto de uma ação de coleta de resíduos realizadas na própria favela (CEARÁ, 2024). Esses mobiliários ainda foram expostos na Casa Cor Fortaleza e no complexo cultural Estação das Artes, importante espaço cultural e social da capital cearense, conforme ilustrado pela Figura 3.

Figura 3 – Mobiliário feito a partir de material reciclado exposto na Estação das Artes, em Fortaleza



Fonte: LAURB, (2024)

Figura 4 – Imagem aérea do Beco Céu



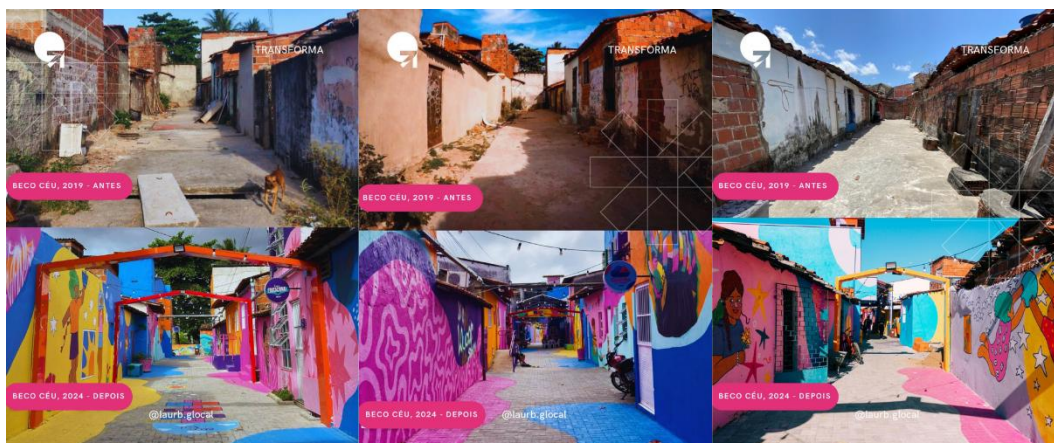
Fonte: Instituto Pensando Bem, (2024)



O processo de censo comunitário do Inferninho, das oficinas de educação urbana e ambiental, bem como a elaboração do projeto de intervenção ocorreu entre o final do ano de 2022 e o início de 2023. O LAB Cidades Criativas (2023) elenca que as oficinas realizadas “estimulam a participação dos moradores da favela do Inferninho na escolha das intervenções que serão feitas, além de fortalecer o pertencimento da população, sobretudo das crianças”. Durante todo o processo de elaboração projetual, a participação e inclusão da comunidade foram primordiais entre os agentes responsáveis pela intervenção urbana.

A entrega do diagnóstico para a comunidade e o início das obras se deu em fevereiro de 2023, com a entrega da intervenção ocorrida em setembro, marcada por um evento de inauguração visível na Figura 06. A dimensão da transformação do espaço é visível na Figura 5, onde o Beco Céu virou um HUB de Inovação Social na Favela, um espaço que atende a todas as faixas etárias, nas mais diversas áreas e contando com variados equipamentos. Os equipamentos principais são: a Casinha das Nuvens, um espaço voltado para a educação e atendimento psicossocial; a Cozinha do Bem, local voltado para a produção de alimentos e cursos; a Base Educacional, que oferta oficinas de educação complementar e cursos de qualificação profissional; a Casa das Artes, voltada para o ensino e atividades relacionadas à arte, cultura e esportes; e por fim a FAVTECH, que oferta cursos de tecnologia e inclusão social (Instituto Pensando Bem, 2024).

Figura 5 – Comparação do antes e depois do Beco Céu



Fonte: LAURB, (2024)



Figura 6 – Inauguração do Beco Céu



Fonte: LAB Cidades Criativas, (2024)

As artes que colorem as ruas do Beco Céu foram obras de diversos artistas convidados pela LAB Cidades Criativas, que buscaram criar murais coloridos, perceptíveis na Figura 7, que “trazem a população como protagonista” (LAB Cidades Criativas, 2023). A ideia foi criar uma galeria de arte urbana a céu aberto, integrada com os mobiliários urbanos interativos.

Figura 7 – Mural sendo pintado



Fonte: LAB Cidades Criativas, (2024)

O espaço do Beco Céu também é palco de eventos significativos para os moradores. Segundo o Instituto Pensando Bem (2024), o “Natal da Favela”, ilustrado na Figura 8, chegou a impactar diretamente mais de mil pessoas em uma só noite.



Figura 8 – Natal na Favela



Fonte: Instituto Pensando Bem, (2024)

Figura 9 – Crianças brincando no Beco Céu



Fonte: LAB Cidades Criativas, (2024)



Figura 10 – Beco Céu



Fonte: LAURB, (2024)

Atualmente, o Beco Céu impacta diretamente na vida de cerca de 900 moradores, buscando oferecer oportunidades e “transformar a favela de dentro para fora” (Instituto Pensando Bem, 2024), com seus espaços coloridos e alegres que tornam-se palco para o cotidiano dos moradores, de acordo com as Figuras 9 e 10. Como um laboratório urbano, a pesquisa e intervenção do Beco Céu demonstra o papel do design na cidade, explorado a partir de uma perspectiva colaborativa, reflexiva, política e engajada, a partir da atuação de diversos agentes e que abraça a comunidade como cocriadora e pilar principal da intervenção urbana.

## 5 Considerações Finais

O design colaborativo representa um importante papel nos processos de planejamento urbano. O entendimento empírico de quem constrói e se apropria dos lugares contribui significativamente na discussão de como transformar os lugares. Montuori, Santos e Viana (2019, p. 76) destacam que “as experiências de cocriação em espaços públicos podem levantar questões significativas para a transformação e a melhoria dos modos de vida e usos dos espaços das cidades”.

Com essa perspectiva, ao analisar a intervenção do Beco Céu, pode-se notar o poder de transformação e da criação colaborativa do espaço urbano, ao trabalhar em conjunto com a população. Intervenções como o Beco Céu demonstram o potencial de reintegração e apropriação de espaços vazios, em locais pensados por e para as comunidades.

Contudo, o Beco Céu representa uma minoria de espaços que consegue prosperar diante das dificuldades que atravessam os espaços urbanos, sobretudo os periféricos. O



que implica no potencial de resistência e no viés político da atuação participativa sobre o meio urbano. Exercitar o potencial democrático da participação local, para Szaniecki e Costard (2019) é uma importante ferramenta para integrar o potencial político da cidade e sobretudo uma forma relevante e exemplar de exercício da democracia. O design colaborativo das cidades torna-se fundamental no processo de democratização efetiva das cidades.

Ao adotar as metodologias de colaboração e participação da população no processo de planejamento urbano do Beco Céu, a LAURB (2024) buscou a compreensão das demandas existentes e a adoção das melhores soluções para cara realidade, “orientando à ação e experiências tangíveis de transformação cocriadas”. Com isso, a transformação do Beco Céu torna-se, para além de uma simples intervenção urbana, um espaço pensando por e para a comunidade, o que potencializa uma ampla rede de mudança e na geração de impacto social, urbano e ecológico de maneira sustentável. Além disso, contribui significativamente para empoderar a comunidade e o espaço periférico.

Dessa forma, instigar a participação direta e efetiva da população no processo de planejamento das cidades torna-se um elemento necessário. (MACÊDO; ALMEIDA, 2018). Para Alves e Bueno (2022), tais ações de planejamento urbano participativas valorizam o direito à cidade, uma vez que incentivam a vivência dos espaços urbanos. A implementação de eventos culturais, esportivos, de lazer, entre outros são elementos que buscam contribuir para tal fim. Desse modo, é notório como a elaboração de um design colaborativo nos centros urbanos é uma forma de incentivar a ocupação e apropriação dos lugares, com uma intervenção alinhada com as vontades, necessidades e desejos de quem as habita.

Dito isso, pode-se observar e exemplificar a relevância do design colaborativo enquanto uma ferramenta de transformação do espaço urbano. A criação colaborativa de territórios e de lugares subutilizados nos centros urbanos, sobretudo nas periferias, sob o viés da sustentabilidade, torna-se a chave para um futuro democrático, com um olhar sensível para as cidades e mais sustentável. Pensar nas intervenções de um lugar ao lado de quem o habita contribui e enriquece os debates, permitindo uma melhor visualização e entendimento de problemáticas, bem como o planejamento e implementação das melhores soluções.

## 6 Referências

ALVES, Luciana Sobis; BUENO, Ayrton Portilho (2022). Apropriação informal em vazios urbanos periféricos: uma investigação na cidade de Erechim-RS. *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v.14, e20210241.

CEARÁ, Secretaria da Cultura. **Com apoio da Secult, LAB Cidades Criativas promove transformação territorial e urbanística no Beco Céu, na Favela do Inferninho.** Fortaleza, 12 de jun de 2023. Disponível em <https://www.secult.ce.gov.br/2023/06/12/com-apoio->



**X Simpósio  
de Design  
Sustentável**  
*Mundos por vir*

X SDS 2025 - Sustainable Design Symposium

**3 a 5  
DEZ  
2025**

São Luís - MA



da-secult-lab-cidades-criativas-promove-transformacao-territorial-e-urbanistica-no-beco-ceu-na-favela-do-inferninho/. Acesso em 12 abr. 2025

ESCOBAR, Arturo. **Design for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds**. Durham: Duke University Press, 2018.

FEDEZZINI, Carla. **Design para inovação social: a cidade feita pelas pessoas**. 2014. Tese (mestrado em design). Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS. Porto Alegre.

GEHL, Jan. **Cidade Para as Pessoas**. São Paulo. Perspectiva. 2013

HEEMANN, Adriano; LIMA, Patrícia; CORRÊA, Jeandrey. Fundamentos para o Alcance da Colaboração em Design. In: 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2008, São Paulo. **Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Paulo, Estudos em Design, v. 18, n. 2, 2010.

INSTITUTO PENSANDO BEM. **Instituto Pensando Bem, 2024**. Beco céu. Disponível em <https://institutopensandobem.com/beco-ceu/>. Acesso em 08 mar. 2025

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LAB Cidades Criativas. Disponível em: <https://labciudadescriativas.com.br/fortaleza-becoceu/>. Acesso em 08 mar. 2025

LAURB. Disponível em: <https://somoslaurb.tilda.ws/page27793498.html>. Acesso em 08 mar. 2025

LYDON, Mike; GARCIA, Anthony. **Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change**. New York: Island Press, 2015.

MACÊDO, Amanda Florêncio; ALMEIDA, André Moraes. O espaço público frente ao urbanismo tático: o caso das Praias do Capibaribe. In: **Congresso Internacional Espaços Públicos**, 1. 2018. Anais [...]. Recife, 2018, p. 1 – 10.

MORAIS, Michelle Campos. **Práticas insurgentes em Planejamento Urbano: as experiências de Urbanismo Colaborativo**. 2023. Tese (doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MOORE, Jason W. Capitalocene or Anthropocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism. **The Journal of Peasant Studies**, v. 38, n. 1, p. 1-41, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03066150.2010.494894>. Acesso em: 06 jul. 2025.

MONTEIRO, Louise. **Urbanismo Tático e o Planejamento Urbano: ações e reações no contexto da cidade contemporânea**. 2019. Tese (mestrado em planejamento e projecto urbano 2018/2019). Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Engenharia da Universidade de Porto, Portugal.



MONTUORI, Bruna; SANTOS, Maria Cecília; VIANA, Maria Luisa. Micro resistências e macro potências em espaços urbanos: perspectivas para o design. In: 7º Simpósio de Design Sustentável, 2019, Recife. **Anais do Simpósio de Design Sustentável**. São Paulo, 2019.

NOGUEIRA, Pedro. Urbanismo tático e intervenções urbanas: aderências e deslizamentos. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, Edição especial, pp. 89-101, 2017.

QUITANDA SOLUÇÕES CRIATIVAS. **Intervenções devem dar uma nova cara ao Beco Céu, na Favela do Inferninho, em Fortaleza**. Fortaleza, 09 de jan. de 2023. Disponível em <https://www.quitandasolucoes.com.br/intervencoes-devem-dar-uma-nova-cara-ao-beco-ceu-na-favela-do-inferninho-em-fortaleza/>. Acesso em 08 mar. 2025

QUITANDA SOLUÇÕES CRIATIVAS. **LAB Cidades Criativas: programa inaugura revitalização criativa no Beco Céu nesta sexta, 27**. Fortaleza, 26 de set. de 2024. Disponível em <https://www.quitandasolucoes.com.br/lab-cidades-criativas-programa-inaugura-revitalizacao-criativa-no-beco-ceu-nesta-sexta-27/>. Acesso em 08 mar. 2025

SERAVALLI, Anna. Infrastructuring urban commons over time: learnings from two cases. **Proceedings of the 15th Participatory Design Conference – Full Papers (PDC '18)**, Hasselt & Genk, Bélgica, 20–24 ago. 2018. p. 1–11. DOI: 10.1145/3210586.3210593.

SZANIECKI, Barbara; COSTARD, Mariana. Da crise do projeto ao co-design na cidade: a pluriversidade como sustentabilidade? In: 7º Simpósio de Design Sustentável, 2019, Recife. **Anais do Simpósio de Design Sustentável**. São Paulo, 2019.

VENDRAMINI, Louise; HEEMANN, Adriano. Design colaborativo: categorias de colaboração e implicações na comunicação. In: 5º GAMPI Plural, 2015, UNIVILLE, Joinville, SC. **Anais do GAMPI Plural 2015**. São Paulo: Blucher, 2016.